

QUE METODOLOGIA PARA QUE TEATRO EM QUE ESCOLA?

Apresentação do Dossiê

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio (UFT)¹

1

Pensar o ensino de teatro frente a multiplicidade de contextos possíveis de sua inserção me faz supor que deveríamos optar por falar e praticar “ensinos de teatros”; como se o plural pudesse, no mínimo, alertar-nos que não se trata de uma pedagogia única em e para uma área de conhecimento igualmente única, enquanto perspectiva. Sempre que me deparo com professores e alunos, além de artistas, falando da relação entre teatro e escola, na direção das práticas de ensino, um questionamento me toma o corpo: que função e que valia se está pressupondo como base para realizar determinadas naturezas de aproximação do teatro com a escola, na direção do “ensino de teatro”?

Esta primeira questão vai se desdobramento em outras igualmente importantes, cujas respostas podem auxiliar na consolidação de propostas curriculares, metodológicas, teóricas e práticas para o ensino de teatro na educação básica formal. Sei, de antemão, que não se pode esperar uma resposta única a essa questão fundante da discussão. Correntes teóricas e grupos de pessoas podem adotar diferentes perspectivas de resposta à questão e, nessa medida, teremos implicações metodológicas de ordens bastante diferentes para a prática em sala de aula.

Dois contextos, suponho, exercem, ou deveriam exercer, forte influência nos caminhos para respostas à minha questão inicial, quando estamos falando de educação formal: 1 - quem é o aluno da escola em questão? 2 - Quem é o homem contemporâneo ao momento em que se está propondo e praticando o ensino de teatro? As respostas articuladas dessas duas questões parecem permitir que se ilumine um tanto das potências e limites dos alunos para os quais se pensa a aula de teatro. Por sua vez, o próprio teatro, enquanto área de conhecimento e de expressão, histórica e contemporaneamente (à quem o pratica), também possui seus limites e potências. Nesse sentido, também ele pode atuar limitadamente sobre os contextos iluminados pelas respostas às duas últimas questões.

Claro que o reconhecimento e o conhecimento das diferentes metodologias estruturadas ao longo da história ampliam as possibilidades individuais de aproximação de si mesmo com o ensino de teatro. Saber o que já foi feito é saber que o exercício metodológico é sempre um exercício de atualização das experiências anteriores; não é cópia ou reprodução. Isso porque, para além dos contextos exteriores à própria pessoa, existe ela mesma, a

pessoa, que se aventura a ser professor de teatro. Costumo dizer aos meus alunos que existe apenas uma metodologia que pode ser frutífera para as investidas em ensino de teatro, aquela que leva o próprio nome daquele que a utiliza: ou seja, criamos nossas metodologias ao atualizar outras e inventar um tanto, e, então, ela recebe nosso nome. Mas esse processo não é alheio àquelas questões anteriores. Ao contrário, ele se faz exatamente nos acertos e erros do caminho de tentar respondê-las.

Desde essa perspectiva, para mim, estuda-se verdadeiramente metodologia quando se permite que o futuro professor possa olhar para si mesmo, confrontar a si com os outros da história, das outras metodologias, experimentar-se em contextos, friccionar contextos e se sentir um dia criador de uma metodologia, sempre em atualização, e que carrega em si o nome de seu criador, com licença única para utilização: uma metodologia que tem seu nome só pode ser utilizada por você mesmo; o que ela faz com e para os outros é (pode ser) inspirá-los a criar as suas próprias.

Nessa direção, o Dossiê que apresentamos a seguir não pretende encerrar discussões metodológicas de nenhuma ordem; enseja, ao contrário, explicitar como diversos autores estão pensando diferentes aproximações entre teatro e ensino, e com isso vão construindo suas próprias metodologias inspirados em múltiplas fontes de conhecimento. Com uma leitura atenta dos textos desse dossiê, entre as discussões teóricas e os relatos de experiências, o leitor perceberá que os autores dos trabalhos apresentados reconhecem diversas, e muitas vezes contraditórias umas em relação às outras, funções para a inserção do ensino de teatro na escola; ou: “inserção dos teatros nas escolas”.

Não vou aqui fazer resumos indicativos das discussões apresentadas pelos autores em seus textos. Acho que isso pode ser rapidamente acessado nos resumos dos trabalhos. Ao invés disso, faço um convite ao leitor, que se aventure em um grupo de sete diferentes metodologias únicas para o ensino de teatro, apresentadas por essa revista nesse Dossiê, e que se chamam: Leonardo Costa, Thiago de Castro Leite, William Fernandes Molina, Renata Kely da Silva Lemes, Vinícius da Silva Lírio, Marose Leila e Silva; e duas interseções metodológicas uma a dois nomes: Davi de Oliveira Pinto e João Rafael Vieira Ribeiro; e outra a três nomes: Marcia Berselli, Sergio Andres Lulkin, Jonas Ferrari.

Boa leitura.

¹ Professor da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins. Pós-doutorando, doutor e mestre em psicologia (USP) e bacharel em artes cênicas (UNCAMP).